

**A FORÇA ARGUMENTATIVA DE “PORÉM”:
UMA PROPOSTA DE ANÁLISE**

**THE ARGUMENTATIVE STRENGTH OF “PORÉM”:
AN ANALYSIS PROPOSAL**

*Andréa Lopes Borges**

*Prof.^a Dr.^a Elisete Maria de Carvalho Mesquita***

Resumo: *Partindo da concepção argumentativa da linguagem, reconhecemos, assim como Ducrot (1981), que os argumentos não constituem provas para conclusões, ao invés disso, existem argumentos mais fortes e mais fracos para uma determinada conclusão, marcados por operadores argumentativos (OA), que têm a função de orientar argumentativamente os enunciados, indicando a direção para a qual apontam. Segundo Ducrot (1981), os argumentos orientados para uma mesma conclusão constituem uma classe argumentativa, no interior da qual, podem se organizar hierarquicamente, constituindo uma escala argumentativa. Dentre os operadores argumentativos, interessa-nos porém, por esse operador apresentar propriedades peculiares em relação ao seu uso, que, acreditamos, possam interferir na sua força argumentativa, que, segundo Koch (2003), consiste, basicamente, em introduzir argumentos mais fortes no texto. Nesse sentido, este estudo tem como objetivo examinar a*

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, MG, Brasil.

** Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia – orientadora.

força argumentativa de porém. Para isso: (i) Utilizamos as noções de classe e escala argumentativa de Ducrot (1981); (ii) Selecionamos oito ocorrências de porém. Por meio da análise das ocorrências de porém percebemos que esse operador argumentativo pode introduzir, além de argumentos mais fortes, argumentos com a mesma força argumentativa de argumentos anteriores aos introduzidos por ele e pode não ter força argumentativa, sendo somente essa última possibilidade de força decorrente de uma de suas propriedades peculiares.

Palavras chave: *porém; operador argumentativo; força argumentativa.*

Introdução

Considerando que a linguagem é argumentativa, é possível afirmar, como acredita Ducrot (1981), que ela não é somente informacional, ou seja, sua significação depende, também, do uso que se faz dela. Isso significa que o conteúdo semântico dos enunciados pode ser modificado de acordo com as necessidades e intenções comunicativas dos interlocutores. Diante disso, reconhecemos, assim como Ducrot (1981), que existem, na língua, marcas que evidenciam esse uso, ou seja, que “marcam a própria enunciação do enunciado”, conhecidas como operadores argumentativos (O.A.). (GUIMARÃES, 1995, p. 50).

Os operadores argumentativos são, segundo Ducrot (1981), elementos que estabelecem a relação argumentativa entre enunciados, pois os orientam para uma determinada conclusão. Têm, por esse motivo, a função de lhes determinar a força argumentativa e a direção para a qual apontam, sendo importantes instrumentos de construção de sentido do texto.

Os argumentos orientados para a mesma conclusão constituem uma *classe argumentativa*, e dependendo da relação de força estabelecida entre os enunciados, eles podem se hierarquizar, constituindo, assim, uma *escala argumentativa*.

Dentre os operadores argumentativos, nos interessa, especialmente, **porém**, por haver divergências de opinião em relação ao seu uso. Koch (2003) afirma que esse operador orienta argumentos para conclusões contrárias, prevalecendo o argumento introduzido por ele, o que nos leva a acreditar que tem maior força

argumentativa nessas construções. Por outro lado, classificações e observações de autores como Carone (1988), Neves (2000), Koch (2005) e Perini (2006), e de estudos como os de Fabri (2005) e Parreira (2006), nos fazem questionar seu perfil argumentativo.

Apesar de as gramáticas tradicionais classificarem porém como conjunção coordenada adversativa, esses autores apontam para questões, que estão relacionadas ao processo de gramaticalização desse elemento linguístico, processo que o faz apresentar propriedades tanto de conjunção coordenada quanto de advérbio. Dentre as propriedades que o aproximam do paradigma adverbial, estão propriedades sintáticas como: mobilidade (possibilidade de ocupar diferentes posições na frase) e coocorrência com outras conjunções, e semânticas, como o fato de porém poder apresentar além do adversativo, o valor conclusivo-explicativo.

Tendo em vista as propriedades próprias de porém, acreditamos que, de alguma forma, elas afetam sua força argumentativa, fazendo com que esse operador não introduza, somente, argumentos mais fortes no texto, podendo até, em alguns momentos, não ter força argumentativa.

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo examinar a força argumentativa de porém. Para isso: (i) Utilizamos as noções de *classe* e *escala argumentativa* de Ducrot (1981), que nos ajudam a explicar o funcionamento argumentativo de porém; (ii) Selecionamos oito ocorrências de porém, retiradas de artigos de opinião, gênero que, segundo Rodrigues (2005), nos oferece vasto emprego de elementos como porém, veiculados por jornais de três diferentes regiões do Brasil.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, nos apoiamos nos pressupostos teóricos da Semântica Argumentativa (SA), principalmente. Buscamos, ainda, apoio em estudos gramaticais e textuais, que nos permitem relacionar a força de porém às suas propriedades sintáticas, semânticas e morfológicas. Acreditamos que as bases teóricas referidas contemplem a força argumentativa de porém como um todo.

Dessa forma, este artigo está dividido em 4 partes: (i) Na 1ª parte, intitulada Semântica Argumentativa, trazemos considerações a respeito da teoria que, principalmente, norteou este estudo; (ii) Na 2ª parte, intitulada Os usos de porém, fazemos uma rápida discussão a respeito de diversos aspectos relacionados, especificamente, aos usos de porém; (iii) Na 3ª parte, intitulada Metodologia, explicamos como foi selecionado o *corpus* de análise, o porquê de sua escolha, e como se deu sua análise; (iv) Na 4ª parte, intitulada Resultados e discussão, oferecemos a aná-

lise das ocorrências de porém e os resultados encontrados. E, por fim, apresentamos as conclusões.

A seguir, apresentamos algumas considerações sobre a Semântica Argumentativa, especificamente, no que diz respeito às noções de classe e escala argumentativa, e uma discussão a respeito dos usos de porém, pela perspectiva de diferentes autores ligados aos estudos textuais, gramaticais, e de gramaticalização.

1 A Semântica Argumentativa

A Semântica Argumentativa (SA) tem por princípio básico a discussão e o tratamento da argumentação na língua. Para ela a variedade de sentidos de um mesmo enunciado, só pode ser explicada se consideradas as intenções comunicativas do(s) sujeito(s) do discurso, que, de um modo geral, são argumentativas, pois consistem em levar seu interlocutor a uma conclusão.

Nesse sentido, a argumentação pode ser vista pela relação entre enunciados e conclusões, o que não significa que os argumentos constituam provas, a relação entre ambos deve ser vista, segundo Ducrot (1981), por uma relação de força, pela qual existirão argumentos mais fortes ou mais fracos para uma determinada conclusão.

A força argumentativa dos enunciados é verificada pelos Operadores Argumentativos (OA), que irão orientar argumentativamente os enunciados. Quando orientados para a mesma conclusão constituem uma *classe argumentativa*, e dependendo da relação de força estabelecida entre os enunciados, eles podem se hierarquizar, constituindo, assim, uma *escala argumentativa*.

Nas palavras de Guimarães (1987), *classe argumentativa* “é definida por uma conclusão e constituída pelos enunciados cujos conteúdos podem ser argumento para tal conclusão”, e *escala argumentativa* “é uma classe argumentativa em que se configura uma relação de força maior ou menor dos conteúdos dos enunciados”. (GUIMARÃES, 1987, p. 26-28).

Segundo Ducrot, para identificarmos um operador argumentativo, devemos observar os seguintes aspectos:

- 1) pode-se construir a partir de P uma frase P' pela introdução de X em P;
- 2) um enunciado de P e um enunciado de P' têm valores argumentativos nitidamente diferentes;

3) esta diferença argumentativa não pode ser derivada de uma diferença factual entre as informações fornecidas. (DUCROT, 1989, p. 18).

Assim, podemos dizer que os operadores possibilitam modificar o sentido de um enunciado. Esse sentido não diz respeito ao conteúdo informacional dos enunciados, mas a direção para qual apontam, o que significa que pela introdução de um operador, a informação contida num enunciado irá apresentar diferentes significações ou conclusões.

Assim, o valor de um operador pode ser descrito pela relação entre argumentos e conclusões, o que nos ajuda a identificar os valores assumidos por porém e estabelecer a relação com sua força argumentativa, se a houver.

2 Os usos de porém

Porém é tradicionalmente conhecido como conjunção coordenada adversativa, de acordo com a classificação atribuída por gramáticas normativas, principalmente. No entanto, ao observarmos estudos, como o de Perini (2006), somos atentados para o fato de que esse operador possui propriedades sintáticas, como mobilidade e coocorrência com outras conjunções, que, na verdade, não se relacionam às conjunções coordenadas, mas aos advérbios.

A mobilidade de porém permite que esse operador ocupe diferentes posições na oração. Essa propriedade o afasta do paradigma das conjunções coordenadas, pois, conforme Perini (2006), essas conjunções podem se situar, quando não repetidas, somente no início da última oração.

A coocorrência de porém, por sua vez, o afasta do paradigma das conjunções coordenadas, pois, conforme Neves (2000), ele pode coocorrer com **mas**, por exemplo, o que não se relaciona às conjunções coordenadas prototípicas.

Pelo fato de porém apresentar propriedades que o aproximam do paradigma adverbial, Neves (2000) acredita que porém é advérbio juntivo (que opera conjunção) de contraste. Por outro lado, existem autores, como Carone (1988), que acreditam que porém é conjunção coordenada.

As divergências de opinião sobre porém se devem ao processo de gramaticalização desse operador, processo que leva a questionamentos sobre a categoria que esse operador ocupa, pois se trata de um processo em transição. Esse proces-

so é relevante para compreender o funcionamento adverbial de porém, que se deve ao fato de, segundo Said Ali (1964), esse operador ter se originado do advérbio latino *proinde*, que tinha na antiga Língua Portuguesa (por volta do século XIV) o sentido conclusivo-explicativo, do qual, segundo Longhin (2003), porém conserva, por exemplo, a mobilidade.

Quanto às propriedades semânticas de porém, Neves (2000) acredita em diferentes valores adversativos para esse operador. Segundo essa autora, esses valores são: contraposição em direção oposta (contraste, compensação, restrição e negação da inferência), contraposição na mesma direção, contraposição em direção independente e contraposição com eliminação. Fabri (2005), além do valor de contraste, aponta para a retificação ou correção e a quebra de expectativa, que equivale à negação da inferência, apontada por Neves (2000), como valores mais associados a porém.

Por outro lado, Parreira (2006), que analisou operadores argumentativos em editoriais de jornal, acredita que porém pode exercer outras funções, como de explicar e/ou concluir.

Sobre o emprego argumentativo de porém, Koch (2003) afirma que os enunciados orientados por esse operador irão constituir classes argumentativas diferentes, ou seja, conclusões contrárias. De acordo com Koch (2003), esse tipo de orientação argumentativa funciona da seguinte maneira: o produtor do texto/enunciado apresenta um argumento, que num primeiro momento é aceito para uma determinada conclusão (R), em seguida apresenta outro argumento, introduzido por um operador como porém, que, de certa forma, invalida o argumento anterior, e orienta a conclusão para o contrário dela, ou seja, $\sim(\text{não})R$, desempenhando, portanto, conforme Koch (2005), a função de contrajunção, que equivale a função de contraposição com eliminação, apontada por Neves (2000).

3 Metodologia

Para a análise da força argumentativa de porém selecionamos oito ocorrências¹ desse operador, retiradas de artigos de opinião veiculados por jornais de três diferentes regiões do Brasil, publicados no período de 21 a 27 de novembro de 2009:

¹ As ocorrências utilizadas neste estudo são parte do *corpus* da minha pesquisa de mestrado: Os usos de porém em artigos de opinião.

- *Zero Hora* – Rio Grande do Sul (região Sul)²;
- *Pag 20* – Acre (região Norte);
- *Gazeta de Alagoas* – Alagoas (Região Nordeste).

As oito ocorrências de porém selecionadas nos oferecem exemplares das propriedades: mobilidade, coocorrência e variação semântica, e por esse motivo, se mostram suficientes para a análise da força argumentativa desse operador.

As três primeiras ocorrências de porém analisadas, foram extraídas do jornal *Zero Hora*:

- A 1ª ocorrência foi retirada do artigo “Esperar faz bem”;
- A 2ª e 3ª, do artigo “A arte da ilusão”.

As três ocorrências seguintes foram extraídas de artigos do jornal *Gazeta de Alagoas*:

- As 4ª e 5ª ocorrências de porém foram retiradas do artigo “Trabalho e repouso devem andar juntos”;
- A 6ª, do artigo “Ditadura e Petróleo”.

As duas últimas ocorrências foram extraídas do jornal *Pag 20*:

- A 7ª ocorrência foi retirada do artigo “Retrato da campanha presidencial”;
- A 8ª, do artigo “Relato de um paciente (quase) terminal”

Para a análise, consideramos os trechos dos artigos, nos quais havia porém. Em seguida, utilizamos as noções de classe e escala argumentativa para descrever a força argumentativa dos encadeamentos formados por esse operador.

4 Resultados e discussão

A análise das oito ocorrências de porém nos mostrou que esse operador exerce as seguintes funções, como mostra o quadro 01:

² Todos os jornais utilizados são jornais on-line.

Quadro 01: Funções de porém nas ocorrências analisadas.

OCORRÊNCIAS	FUNÇÕES
1, 3 e 6	Contraste
2 e 5	Contrajunção
4	Correção
7	Contraposição em direção independente
8	Conclusão-explicação

Nas ocorrências 1, 3 e 6 em que porém desempenha a função de contraste, assim como nas ocorrências 2 e 5, nas quais tem o valor de contrajunção, e na ocorrência 7 em que desempenha a função de contraposição em direção independente são constituídas classes argumentativas diferentes. Por isso, não há escalas argumentativas, pois os argumentos que antecedem porém, nessas ocorrências, e os introduzidos por ele, não se hierarquizam para uma mesma conclusão, mas vão para direções ou conclusões opostas, contrárias e independentes. Essas ocorrências podem ser verificadas a seguir:

1. *Estamos todos de acordo quanto à realidade imediatista dos dias atuais, onde a espera é uma noção muito vaga, se não inexistente, na construção mental das pessoas. Há o modelo fast food, e outros “fasts”, todos que se quiser. Fast news (notícia rápida), fast date (namoro rápido), e por aí vai. Quem tem filhos em idade escolar percebe a enorme diferença na conduta do estudante perante a aprendizagem, de uma geração atrás para a atual. Há, **porém**, que se considerar o seguinte: todas as pessoas, no seu processo de desenvolvimento psíquico, atravessam um primeiro sistema, que Freud chamou “princípio do prazer”.*
2. *Ao sair dos armazéns do cais (e da Bienal), deparei-me com um casal de cainganges na calçada, vendendo bichos talhados em madeira e cestos de palha de trançado inigualável e inimitável. Arte pura, expressão de muitos séculos, desprezada, **porém**, pelos grandes mentores da arte de iludir.*
3. *Passamos, sem perceber, grande parte de nossa vida trabalhando, rindo e às vezes chorando, procurando viver bem enquanto temos a vida como prêmio. **Porém**, muita gente destrói parte da vida por ter saído de seus limites.*

5. *Visitei, agora, a Bienal do Mercosul nos antigos armazéns do cais de Porto Alegre e me espantei com aquelas pobres extravagâncias ali depositadas sob a pomposa denominação de “arte conceitual”. Nenhum conceito e nenhuma arte havia ali naqueles objetos empilhados ou espar-ramados pelo chão. Os solícitos funcionários-mediadores (na maioria, moças de excelente formação em artes plásticas) discorriam sobre as teo-rias da “arte conceitual”, ampliando os textos dos imensos painéis im-pressos. Nada, **porém**, tinha a ver com as “obras” expostas.*

6. *Desde Monteiro Lobato (1882-1948), advogado, empresário visio-nário, intelectual e escritor sempre dedicado às causas nacionalistas, até nossos dias, o petróleo, como fator de independência econômica do País, tem sido motivo de inúmeras lides políticas. O próprio Lobato esteve pre-so, em virtude de sua luta em defesa do “ouro negro”. E, por ironia do destino, é em Lobato (Salvador) – nada a ver com o Monteiro – que teria sido descoberta a primeira jazida petrolífera. **Porém**, assim como o petró-leo motivou a prisão do escritor, propiciou, bem mais adiante na história e também em regime autoritário, à soltura de um dissidente.*

7. *O governador paulista pode usar o espaço para tentar retomar seu crescimento nas pesquisas. **Porém**, será importante oferecer espaço para que Aécio Neves se exponha nacionalmente e se apresente como alterna-tiva viável caso Serra desista.*

O fato de não haver escala argumentativa nestas ocorrências, não significa que não há uma hierarquia entre os argumentos. Percebemos pela relação de contrajunção estabelecida por porém nas ocorrências 2 e 5, que esse operador elimina o enunciado que o antecede, e, nesse momento, prevalece o argumento introduzido por ele. Nesse sentido, podemos falar que o argumento introduzido por porém é mais forte que o antecedente, e, assim, que esse operador tem maior força argumentativa nessas ocorrências, ou seja, quando estabelece a relação de contrajunção.

Assim, na ocorrência 2, a relação de contrajunção se dá pela relação entre as expressões de significação contrária, *Arte pura*, que valoriza a arte dos caingangues, presente no primeiro argumento, e *desprezada*, presente no argu-mento introduzido por porém, que desvaloriza totalmente a arte dos caingangues e invalida o argumento anterior. Na ocorrência 5, a contrajunção se dá pelo argumen-to introduzido por porém, que defende a ideia de que *nada* do que havia sido dito

pelos funcionários da Bienal tinha a ver com as obras expostas, eliminando o argumento anterior, que defende a ideia de que os funcionários ofereciam explicações sobre as obras.

Porém aparece, na ocorrência 2, depois do verbo nominal *desprezada* da última oração, e na 5, depois do sujeito *nada* da última oração. Percebemos que tanto no início da oração como depois do sujeito e do verbo, porém exerce a mesma função e força nessas ocorrências, o que significa que a posição que porém ocupa, não interfere em sua força argumentativa, no sentido de fazer com que os argumentos introduzidos por porém não sejam mais fortes que os anteriores, se estivesse no início da última oração, nessas ocorrências,.

No entanto, pela relação de contraste, estabelecida nas ocorrências 1, 3 e 6, parece difícil falar em maior força argumentativa de porém, pois, percebemos que os argumentos são colocados como, simplesmente, opostos, nos dando a impressão de que ambos são relevantes, e, portanto, devemos considerar os dois. Ou seja, um parece não prevalecer sobre o outro, e, portanto, têm mesma força argumentativa.

Assim, a relação de oposição estabelecida na ocorrência 1 de porém, se dá pela oposição entre as expressões *diferença de conduta e mesmo desenvolvimento*, que nos levam a conclusão de que, apesar de haver diferenças entre as gerações, temos de considerar, também, que existem semelhanças entre elas, ou seja, temos de considerar os dois pontos de vista.

Notamos que o fato de porém ocorrer depois do verbo *Há* da última oração, não interfere em sua força argumentativa, no sentido de ela se dar de forma diferente, caso esse operador ocupasse a posição inicial da oração, pois, tanto no início da oração como na posição que ocupa, na ocorrência 1, continua a exercer a mesma função e força.

Na ocorrência 3, a oposição se dá pela relação entre as expressões *procurando viver bem*, no primeiro argumento, e *destrói parte da vida*, no introduzido por porém, significando que, enquanto uns procuram viver bem, outros destroem a própria vida, ou seja, são dois aspectos, um positivo e outro negativo, relacionados ao fato de como as pessoas levam a vida, e, portanto, temos de considerar os dois. Assim, o argumento anterior a porém e o introduzido por ele têm, na ocorrência 3, mesma força argumentativa.

Na ocorrência 6, a relação de oposição se dá pelas expressões *preso e soltura*, significando que, no argumento que antecede o porém, o petróleo motivou a prisão de Monteiro Lobato, de um lado, e de outro, no argumento introduzido por porém, propiciou a soltura de um dissidente.

Porém, nessa ocorrência, coocorre com o elemento de conexão **assim como**. Percebemos que essa coocorrência colabora, ainda mais, para que vejamos o argumento introduzido por porém e o anterior a ele, como argumentos de mesma força argumentativa, pois, o operador assim como introduz dois argumentos pela relação de comparação por igualdade, que fazem parte do argumento introduzido por porém. Ou seja, o encadeamento introduzido por assim como é apresentado por porém como oposto ao argumento anterior a ele, por uma relação de igualdade entre os opostos.

Já na ocorrência 7, pela relação de contraposição em direção independente, porém introduz argumento mais forte, pois, por meio dessa função, de acordo com Neves (2000), o argumento introduzido por porém torna o argumento anterior a ele menos relevante. Assim, no argumento anterior, temos a ideia de que Serra deve tentar subir nas pesquisas, e no introduzido por porém, a defesa da ideia de que é importante oferecer espaço para Aécio, o que diminui o valor da tentativa de Serra subir nas pesquisas.

Nas ocorrências 4 e 8, em que porém é empregado, respectivamente, com os valores de correção e conclusão-explicação, percebemos que na ocorrência 4, os argumentos constituem mesma classe argumentativa, mas não constituem uma escala, e na ocorrência 8 não constituem nem mesma classe, nem classes argumentativas diferentes, como pode ser observado a seguir:

4. *Todo mundo pensa que o coração trabalha direto, em seu conjunto, todo tempo. Na realidade, porém, há um período definido de descanso depois de cada contração.*

8. *Chegados os exames eles confirmaram que dada à baixa imunidade do meu organismo eu poderia estar com uma tuberculose (não da galopante, como diz o povo), mas uma virótica. (saibam que existem outros tipos de tuberculose que não a pulmonar. Ela pode atacar a medula óssea, os olhos, os ossos, etc. Quem tiver interesse há vasta literatura médica sobre o assunto). Porém, era preciso confirmar.*

A correção estabelecida por porém na ocorrência 4, apesar de corrigir o argumento anterior, não o invalida ou o torna mais fraco, e, por isso, o argumento introduzido por porém não é mais forte nem mais fraco que o anterior.

Percebemos que, pela forma como o produtor do texto começa a construir o enunciado da ocorrência 4, dizendo *Todo mundo pensa que o coração trabalha direto, em seu conjunto, todo tempo*, o verbo *pensa* dá a ideia de que à frente haverá uma correção, que é o que ocorre por meio do argumento introduzido por porém. Dessa forma, ambos os argumentos, o anterior a porém e o introduzido por ele, defendem a ideia de que o coração não trabalha todo o tempo, e, por isso, um não prevalece sobre o outro.

Na ocorrência 4, porém, além de coocorrer com o elemento de conexão **na realidade**, que estabelece relação de correção, apresenta mobilidade, aparecendo após esse elemento. A coocorrência com na realidade não interfere nem na força nem na função de porém, visto que, a ausência de na realidade não faria com que porém exercesse outra função, nem outro tipo de força argumentativa, na ocorrência 4, ele continuaria a estabelecer a relação de correção. Da mesma maneira, a posição que porém ocupa, nessa ocorrência, após na realidade, não interfere em sua força e função, de modo a modificá-las.

Na última ocorrência analisada de porém, ou seja, na ocorrência 8, há a relação de conclusão-explicação, o que condiz com a observação de Parreira (2006). Pelo primeiro argumento apresentado *Chegados os exames eles confirmaram que dada à baixa imunidade do meu organismo eu poderia estar com uma tuberculose*, notamos que os exames confirmam que a doença pode ser uma tuberculose, ou seja, isso, ainda, não está certo. Assim, o argumento introduzido por porém confirma essa incerteza, concluindo: *Porém, era preciso confirmar*, equivalendo a por isso, portanto.

Nesse caso, não podemos falar em classe argumentativa, conseqüentemente, nem em escala argumentativa, pois, tendo em vista que o argumento introduzido por porém é a conclusão, só temos um argumento orientado para essa conclusão: o anterior a ele. Assim, considerando que porém, na ocorrência 8, introduz a conclusão, esse operador finaliza a argumentação, não deixando espaço para outros argumentos.

Conclusões

A análise das oito ocorrências de porém nos mostrou que a mobilidade desse operador não interfere na sua força argumentativa. Como verificado pelas ocorrências 1, 2, 4 e 5, a posição que esse operador ocupa não modifica sua força ou valor semântico. A mobilidade de porém pode ser vista, inclusive, como acredita Fabri (2005), como forma de chamar a atenção para algum elemento específico do enunciado que esse operador introduz no texto.

Assim como a mobilidade, percebemos que a coocorrência de porém com outros elementos de conexão não interfere na sua força argumentativa. Pois, como verificado na ocorrência 6, o coocorrente de porém, assim como, é parte do argumento introduzido por porém, e a sua ausência não provocaria mudança na força e função exercidas por porém, nessa ocorrência.

Quanto à força argumentativa de porém, de um modo geral, percebemos que esse operador pode exercer maior força argumentativa quando estabelece relação de contrajunção e de contraposição em direção independente, como visto nas ocorrências 2, 5 e 7.

Quando estabelece relação de contraste, como é o caso das ocorrências 1, 3 e 6, percebemos que porém pode introduzir argumentos com a mesma força argumentativa dos argumentos anteriores aos introduzidos por ele. As relações de contraste de porém observadas, nos parecem ser empregadas pelo produtor do texto com o objetivo de introduzir uma discussão, pela qual o produtor irá estabelecer seu ponto de vista ao longo do texto, pela escolha de um dos argumentos opostos empregados. Isso significa que porém com a função de contraste tem um alcance semântico maior, ou seja, só é possível decidir exatamente pela força do argumento introduzido por esse operador pela continuidade do texto, portanto, é necessário, para verificar a força de porém com a função de contraste, um contexto maior, que permita perceber qual dos dois argumentos, o anterior a porém ou o introduzido por ele, prevalece no texto.

De forma semelhante a como se dá a força de porém pela relação de contraste, percebemos que quando esse operador estabelece a relação de correção, como é o caso da ocorrência 4, ele pode introduzir argumentos com a mesma força argumentativa de argumentos anteriores. No entanto, acreditamos que a forma como se dá a força de porém pela relação de correção, se deve muito ao fato de

como o produtor constrói semanticamente o enunciado argumentativo, pois, a correção tem por função reelaborar algo que está errado, o que significa que o argumento que corrige argumentos anteriores, prevalece sobre eles, o que não acontece na ocorrência 4, pois o produtor do texto deixa explícito, no argumento que antecede o introduzido por porém, que se trata de algo incerto, de forma que não precisamos da correção introduzida por porém para perceber isso. Por esse motivo, não descartamos a possibilidade de porém introduzir argumentos mais fortes no texto, com a função de correção.

Pela ocorrência 8, percebemos que porém, ainda, pode estabelecer relação de conclusão-explicação, e nesse momento, como introduz conclusão e não outro argumento, com o qual competiria, não podemos falar em força argumentativa.

Portanto, as ocorrências de porém analisadas nos mostram que porém pode introduzir, além de argumentos mais fortes no texto, introduzir argumentos com a mesma força argumentativa de argumentos anteriores, e não ter força argumentativa, sendo somente essa última possibilidade de força decorrente de uma de suas propriedades peculiares: o valor conclusivo-explicativo.

Referências

- ALI, Manoel Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1967. 375 p.
- CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação*. São Paulo: Ática, 1988. 86 p.
- DUCROT, Oswald. *Provar e dizer: leis lógicas e leis argumentativas*. São Paulo: Global, 1981. 264 p.
- _____. Argumentação e “topoi” argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 13 – 38.
- FABRI, Kátia Maria Capucci. Da diferenciação das conjunções adversativas em textos escritos. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 21, n. 1, p. 135-152, jan./jun. 2005.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do Português*. Campinas, SP: Pontes, 1987. 200 p.

_____. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 1995. 91 p.

KOCH, Ingedore G. V. *A inter-ação pela linguagem*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003. 134 p.

_____. *A coesão textual*. 20. ed. São Paulo: Contexto, 2005. 84 p.

LONGHIN, Sanderléia Roberta. *A gramaticalização da perífrase conjuncional "só que"*. 2003. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. 212 p.

NEVES, Maria Helena M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. unesp, 2000. 1037 p.

PARREIRA, Míriam Silveira. *Um estudo do uso de operadores argumentativos no gênero editorial de jornal*. 2006. Dissertação (mestrado) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. 223 p.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. 380 p.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L; BONINI, Adair; ROTH, Désirée Motta (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p.154 – 183.

Abstract: *Based on the argumentative concept of language, like Ducrot (1981), we recognize that arguments are not evidence to conclusions; instead, there are stronger and weaker arguments to a given conclusion, which are marked by argumentative operators (AO) that which have the function of guiding argumentatively the statements, indicating the direction to which they point. According to Ducrot (1981), the arguments directed to the same conclusion constitute an **argumentative class**, within which they can be organized hierarchically, forming an **argumentative scale**. Among the argumentative operators, we are interested in **porém** because it presents distinctive properties in relation to its use, which*

*we believe may interfere with its argumentative force, which, according to Koch (2003), basically consists of introducing the strongest arguments in the text. In this sense, this study aims to examine the argumentative strength of **porém**. In order to accomplish this objective: (i) We use the notions of argumentative class and scale of Ducrot (1981); (ii) We selected eight instances of **porém**. By analyzing the occurrences of **porém**, we realized that this argumentative operator may introduce not only stronger arguments, but also arguments with the same force of the previous argument introduced by it, and it may not have argumentative force, being the latter possibility of force the result of one of its peculiar properties.*

Keywords: *porém; argumentative operator; argumentative force.*